

# VIDAS EM REDE E AS TRAVESSIAS DA PANDEMIA

**Ambientalidades Afetivas,  
Musicoterapia Gestáltica,  
*Tai-Chi Chuan* e Filosofia em  
tempos de pandemia\***



PAULO-DE-TARSO DE CASTRO PEIXOTO<sup>1</sup>

## RESUMO

O artigo problematiza, inicialmente, os efeitos de subjetividade produzidos durante a travessia da pandemia. A pandemia produziu a vertigem num mundo que segue a lógica ultra-neoliberal onde o tempo é dinheiro, onde não se há tempo para se viver a vida, para o cuidado de si, para o cuidado dos outros. A vida humana, ao longo dos séculos, molda-se ao modelo produtivista, onde não se há tempo para uma ‘educação dirigida ao conhecimento de si’. O artigo colocará em cena como a travessia pela pandemia pode ser feita por políticas públicas dirigidas ao conhecimento e ao cuidado de si para, com efeito, estender este cuidado aos outros, aos territórios de vida, ao planeta. A questão da temporalidade e dos espaços vividos são problematizados através da perspectiva da ação ‘Vidas em Rede’ que se utiliza da *epistême* da *Psicopatologia Biomusical*, da *Psicopatologia Estética* e da *Complexidade* para a compreensão dos efeitos de subjetividade em meio à travessia da pandemia.. O artigo traz em cena as contribuições da *Musicoterapia Gestáltica*, o *Tai-Chi Chuan* e as coreografias heterotópicas, aliadas às reflexões sensíveis da filosofia nesta travessia. Experiências construtoras de *Geopolíticas Afetivas de Cuidado* das quais pode-se ampliar a potência instituinte do cuidado coletivo como política de produção de vida.

**PALAVRAS CHAVE:** Pandemia, Vidas em Rede, Ambientalidades Afetivas, Musicoterapia-Gestáltica-Filosofia, *Tai-Chi Chuan*.

---

<sup>1</sup>ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4545-348X>. Endereço: Rua Luiz Belegard, n. 174, sobrado, Imbetiba, Macaé – RJ. Email: paulo.tarso.peixoto@gmail.com Titulação: Musicoterapeuta, Filósofo, PHD em Psicologia, Pós-doutor em Filosofia, Pós-doutorando em Psicologia. Principal Atividade Exercida: Coordenador da Universidade Livre da Secretaria Adjunta de Ensino Superior da Secretaria de Educação de Macaé.

\* Publicação original.

## INTRODUÇÃO

Como a lógica das artes, da *Musicoterapia Gestáltica*, aliada às filosofias orientais e ocidentais, podem contribuir para a produção do fluxo de vida em tempos de pandemia? Quais são os efeitos de subjetividade em relação à vivência dos espaços-temporalidades que assolam a vida das pessoas? Como construir espaços-temporalidades que possam contribuir para a construção de *Ambientalidades Afetivas*, ou seja, na edificação de *Ambientes de Vida Estéticos Coletivos*, mesmo à distância?

Este trabalho versa sobre a questão das experiências de subjetividade vividas durante o período de isolamento social relativo à pandemia de Covid-19. Experiências que afetam diretamente a relação com os espaços e temporalidades de vida de cada pessoa. Experiências que produzem efeitos de subjetividade, onde a relação com o espaço e a temporalidade se transforma. Nestas experiências temos relatos de que a relação com os espaços se torna sofrida, pois, o que se percebe diretamente é que o espaço de vida é o mesmo, produzindo-se o sentimento de um espaço com uma paisagem estática. Por sua vez, a temporalidade parece não fluir. Perde-se a vivência do fluxo do devir, do movimento da vida. Cabe ressaltar a estimativa de “que entre um terço e metade da população exposta a uma epidemia pode vir a sofrer alguma manifestação psicopatológica, caso não seja feita nenhuma intervenção de cuidado específico para as reações e sintomas manifestados” (BRASIL, FIOCRUZ, 2020b, p. 01).

Destes efeitos de subjetividade em relação aos espaços-temporalidades, apresenta-se a perspectiva da ‘Biomusicalidade’ (PEIXOTO, 2017, 2018, 2019) que expressa os processos de construção da ‘musicalidade do viver’, da ‘musicalidade da vida’ que é perdida, também, em tempos de pandemia.

As partituras de vida de cada pessoa, com seus trajetos, com seus inúmeros contrapontos com diversas pessoas e situações cotidianas, vivem o vácuo e o vazio dos espaços-temporalidades do ‘confinamento afetivo’. Inspirados em Spinoza (2007), Straus (2000), Deleuze & Guattari (1996), Jorge Ponciano Ribeiro (2019), dentre outros, diremos que as experiências do isolamento social possuem uma paisagem onde as capacidades de afetações sensíveis são diminuídas.

Por conseguinte, este trabalho apresenta a experiência prática da construção de ‘Geopolíticas Afetivas de Cuidado’ para a emergência dos espaços-temporalidades estéticos desenvolvidos pela Prefeitura Municipal de Macaé (RJ) Brasil. Uma experiência denominada ‘Vidas em Rede’ desenvolvida pela Secretaria Adjunta de Ensino Superior, através da Unilivre, e que se inspira na ação *Corpos em Rede* do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ação coordenada pela Profa. Mônica Alvim. A ação é construída também com os Espaços de Convivência e o Núcleo Municipal de Saúde Mental, com os CeCos do Estado do Rio de Janeiro e com o Núcleo Municipal de Tecnologias (NTM).

Pessoas de diversos lugares do Brasil, inclusive da França e do Canadá, encontram-se através das ‘Superfícies Contatuais Estéticas’ (PEIXOTO, 2019) dos ambientes virtuais para a construção de ‘*Ambientalidades Afetivas*’. Ambientes de vida onde as práticas das *Coreografias Heterotópicas*, a *Meditação em Movimento*, através do *Tai-Chi Chuan*, da *Musicoterapia Gestáltica* e das filosofias orientais e ocidentais promovem a produção de sentidos na relação com as experiências de vida das pessoas de vários lugares. Desta experiência heterotópica (FOUCAULT, 2009) inventamos juntos outras formas de marcar as cadências e ritmos, criando ‘espaços outros’, espaços-temporalidades em devir, espaços-temporalidades nascidas das potências do cuidado de si e do outro que germinam de cada encontro.

## MATERIAIS E MÉTODOS

A pandemia gerada pelo COVID-19 proporcionou um processo de reinvenção dos contatos interpessoais. A impossibilidade dos contatos vivos, através da presença ‘tangível’ ao se estar diante de uma outra pessoa ou grupo, nos fez imaginar outras formas de produção dos contatos a partir das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs).

A invenção de outros espaços para a circulação dos afetos, das ideias, dos desejos, se realiza através da utilização da plataforma *Google Meet*. Toda a divulgação é feita por meio das redes sociais, com o apoio da Secretaria Municipal de Comunicação que produz as matérias sobre a ação. As inscrições são realizadas pelo formulário *Google*. Tivemos até o início de julho mais de 300 inscrições de pessoas de vários lugares do Brasil. Pessoas de Macaé, Rio das Ostras, Campos, Belfort

Roxo, Niterói, Rio de Janeiro, do Estado de Roraima, de Fortaleza, de Salvador, Juiz de Fora, inclusive com participantes da França e do Canadá (Província do Quebec), fazem parte dos encontros semanais do 'Vidas em Rede'.

Os encontros ocorrem às sextas-feiras das 8h às 9h da manhã, mediados pela plataforma *Google Meet*. Temos em média a participação de 30 a 50 pessoas por semana.

Os contatos com os participantes são efetuados semanalmente, nas segundas feiras e na quinta feira que antecede o encontro, sempre enviando uma mensagem reflexiva, lembrando, por sua vez, o procedimento de envio do *link* de acesso da plataforma *Google Meet* que é sempre disponibilizado na sexta-feira às 7:45h da manhã. Este é o horário do 'prelúdio contatual'. Em *Gestalt-Terapia* este é o momento denominado 'pré-contato'. Como um 'momento-prelúdio' no processo de formação dos contatos (PERLS, HEFFERLINE & GOODMAN, 2001. Este é o momento onde as pessoas vão ingressando no ambiente, sendo recebidas pela ambientabilidade sonoro-afetivo-musical do piano, executado ao vivo.

O 'bom dia' é banhado por música composta no instante em que cada um vai ingressando. A partir da *epistème* composicional. (PEIXOTO, 2012, 2016 cada um pode trazer os seus afetos e questões relativas às experiências de vida que estão sendo tecidas na construção da resiliência, da perseverança, de afetos potentes que contribuam para a superação deste momento de travessia da pandemia.

Às 8h em ponto inicia-se a fase de um tema que possa articular os inúmeros afetos e pensamentos dos participantes que se expressaram durante o 'prelúdio contatual'. A filosofia aparece nesta fase. Conhecimentos da filosofia de Spinoza (2007, Deleuze & Guattari (1995, 1996, 1997 , Michel Foucault (2009, da filosofia pré-socrática, estoica, epicurista, da filosofia taoista, da fenomenologia de Merleau-Ponty (2003, 1945 , dentre outros, contribuem para a construção das partituras de sentidos, correlacionando os afetos e ideias neste momento do 'prelúdio pré-contatual' com os conceitos advindos da filosofia.

Um terceiro momento é o das 'Coreografias poético-rítmico-afetivo-heterotópicas'. Momento em que uma consciência sensível coletiva nasce através dos movimentos corporais que fazem 'acorde' com uma respiração suave e profunda. Momento onde constroem-se outras formas de habitar os espaços e as temporalidades na vida. Momento de uma construção coletiva que germina novas formas de marcar os ritmos, as cadências da vida, habitando-se, cada um, a si mesmo e o ambiente comunitário advindo dos movimentos e afetos do *Tai Chi Chuan*.

A música nos envolve, dando as cadências suaves para contribuir na construção desta consciência sensível coletiva. A consciência *aware* coletiva (PERLS, HEFFERLINE & GOODMAN, op. Cit.) ganha corpo-vida e tangibilidade afetiva. Uma consciência sensível como uma ‘Ciência do Sentir’. Uma ‘*Senciência*’ compreendida como a capacidade de sentir afetos, sensações e sentimentos de forma *senciente*, coletivamente. Estar ciente dos processos sensíveis que se desdobram em si, na relação com os outros, com o ambiente sonoro-afetivo-musical, a partir de campos de afetações originais, inéditos e singulares. Este é um dos momentos no qual as pessoas desenvolvem, juntas, a construção de uma *Scientia Patibilis Natura* (PEIXOTO, 2012, 2016, 2018), ou seja, uma Ciência da Alma-Natureza Sensível.

Um quarto momento do encontro se faz a partir da Musicoterapia Gestáltica. Momento em que cada participante com fones pode se banhar nas ‘Músicas das Janelas’ (BARCELOS, 2020, no prelo). Fase de construção de superfícies contatuais feitas pelo banho sonoro-musical que integra e produz, a um só tempo, o território de pertencimento de si para si e, com efeito, o sentimento de pertencimento social.

Um quinto momento se desdobra quando cada um expressa seus afetos. Momento em que a palavra ganha uma dimensão reflexiva e poético-filosófica. Os participantes já não são mais os mesmos que chegaram. Cada um podendo levar para a sua vida ‘pitadas de possibilidades’ para continuarem suas vidas pela travessia da pandemia.

## RESULTADOS

Os resultados desta ação de políticas públicas produtoras de comunidades de cuidados se ligam ao aumento da potência de vida dos participantes. Fica patente, através dos discursos recolhidos em mensagens, durante e após os encontros, o agradecimento por participar da ambientalidade de cuidados promovida pelo ‘Vidas em Rede’.

Da nossa colheita de falas, discursos e afetos, podemos nos encontrar com efeitos importantes no que concerne ao aumento da potência de vida de cada um e nas modulações de suas subjetividades, sobretudo, na superação do campo dos afetos e paixões tristes, tais como: a desesperança; a solidão; a ameaça; as incertezas frente ao mundo que virou de cabeça para baixo; a insegurança; o desânimo; o desgaste da travessia da pandemia; a impotência nascida do fato em não

se saber quais direções seguir; o desamparo que nasce do fato de não saber em qual discurso acreditar (discursos científicos, discursos políticos e outros); a fragilidade existencial frente ao desconhecido e ao inesperado; o medo acentuado pela falta de empatia de muitas pessoas; o sentimento de irritabilidade frente ao dia a dia que parece ser o mesmo, vivendo-se os dias como se fossem os mesmos (toposfobia – cronosfobia); a desorientação e o sentimento de estar perdido, mesmo num ambiente protegido dentro de casa; o tédio vivido pela vida sem novas emoções, sem novos devires, sem transformações; o vazio infinito nascido da experiência de não poder abraçar as pessoas que estão em outros lugares; a saudade dos momentos partilhados com outras pessoas; o sentimento de uma desvitalização, parecendo que a vida perdeu todo o sentido; a sensação da energia estar sendo sugada pela travessia da pandemia, o sentimento de não poder contar com outras pessoas; a insegurança econômica etc.

Os efeitos de subjetividade que se expressam paulatinamente em meio ao processo do Vidas em Rede dizem respeito às seguintes experiências: 1 – a experiência de poder retornar para a principal casa: um retorno para si mesmo, através de um cuidado de si; 2 – deste retorno para si, poder reconectar-se com aquilo que precisa ser avaliado, mudado, ressignificado durante a travessia e 3 – levar aos outros as reflexões sobre a travessia: se a travessia da pandemia poderá levar às mudanças nos valores e princípios vertidos ao viver coletivo ou se muitos, simplesmente, farão a travessia como se não tivesse acontecido... nada!; 4 – a possibilidade de sair das ‘sombras’, dos pensamentos negativos, por meio da partilha e da construção de sentidos de forma coletiva e comunitária, mesmo online, a partir de nossa *Geopolítica Heterotópico-Afetiva de Cuidados*; 5 – a possibilidade de construção de um corpo-mente coletivo onde novas possibilidades de fazer a travessia reúnem forças a partir do sentimento de pertencimento social; 6 – o sentimento de poder se encontrar com as ‘coisas simples’ da vida, valorizando-se a vida, as pessoas, a natureza, o planeta, através da perspectiva de uma ambientalidade ecológico-sócio-afetivo-planetária; 7 – o sentimento de que os afetos encurtam distâncias, desenvolvendo-se a capacidade de construir contatos vitais por meio das Tecnologias de Informação e Comunicação e outras: habitamos geografias heterotópicas, somos inventores de lugares de pertencimento para além dos lugares de nossos ambientes de vida pessoais; 8 – o sentimento de que a presença se faz com uma escuta sensível e atenta diante do outro, mesmo à distância, percebendo hoje o fato de que estar ao lado de muitas pessoas não significa estar presente de corpo e alma; 9 – estar presente de ‘corpo e alma’ é uma

tarefa para este milênio; 10 – Estar presente de ‘corpo e alma’ é uma cultura para a construção de contatos vitais: 10.1 – Estar presente de ‘corpo e alma’ de si para si: no cuidado de si para si; 10.2 Estar presente de ‘corpo e alma’, coexistindo com o outro, cuidando do outro; 10.3 – Estar presente de ‘corpo e alma’, coexistindo em grupos onde o sentimento de pertencimento social é fundamental, cuidando e cultivando esses ambientes; 10.4 – Estar presente de ‘corpo e alma’ abrindo-se para compreender os diferentes pontos de vista, valores e crenças que destoam dos nossos; 10.5 – Estar presente de ‘corpo e alma’ na construção deste corpo coletivo que nasce da reunião de mentes e corações, das experiências e afetos de cada um que se entrelaçam em contrapontos e, assim, edificam as passagens para a emergência dos ‘caminhos dos contatos vitais’ (DELACROIX, apud PEIXOTO, 2018); 10.6 – Estar presente de ‘corpo e alma’, promovendo o cuidado dos nossos ambientes de vida, de nossas comunidades, de nossa cidade, de nosso país, do planeta. Fazemo-nos Geopolítica Heterotópico-Afetiva de Cuidados que dimanam lugares para além dos lugares previsíveis do nosso cotidiano.

## DISCUSSÃO

### DO ESPAÇO-TEMPO PERDIDO, PSICOPATOLOGIA BIOMUSICAL, PSICOPATOLOGIA ESTÉTICA E DA COMPLEXIDADE:

#### **Travessias espaço-temporais em tempos de pandemia.**

Vivemos tempos em que a imprevisibilidade e as incertezas apresentam-se como a imagem presente na vida de bilhões de pessoas no mundo. Com a chegada do COVID-19 acompanhamos as experiências e efeitos advindos do isolamento social e da quarentena. Experiências que produzem efeitos na subjetividade das pessoas, das populações, afetando a relação com o tempo e o espaço.

Relatos de pessoas que sentem que o dia parece ser uma mesma paisagem. Uma paisagem estática (OURY, apud REGGIO & PEIXOTO, 2009) que expressa uma relação com uma temporalidade estática. Desta forma, a biomusicalidade, ou seja, a musicalidade da vida em sua potência de devir é perdida.

A musicalidade da vida perde a sua potência de reinvenção, pois, a



experiência em se viver num mesmo espaço, com as mesmas pessoas, ou mesmo sozinho, produz a experiência de uma aversão à mesma paisagem de vida. Chamaremos de *Toposfobia* a experiência desta aversão ao espaço vivido nas situações de isolamento social. A paisagem devém paralisada, sem fluxo, produzindo-se afetos de perda dos espaços sociais vividos cotidianamente. Vive-se o divórcio dos contatos. Divórcio dos contatos com pessoas, lugares, espaços de vida onde as cadências da vida eram feitas por movimentos sincrônicos entre o mundo singular de cada um com os mundos dos outros.

Por sua vez, acompanhamos experiências em que as pessoas sentem-se como se vivessem os dias num eterno presente. A experiência vivida temporalmente é percebida como se vivesse num presente estático. Chamaremos de *Cronosfobia* a experiência de uma aversão ao tempo estático. Uma temporalidade que perdeu o seu fluxo a partir da percepção de uma vida que não possui movimento.

Aprendi como o meu amigo e mestre francês Jean-Marie Delacroix que nos processos de produção da vida o que adocece é o tempo. Assim ele conta a sua experiência numa sociedade tribal amazônica, onde pergunta ao xamã sobre o que nos adocece. “O tempo é que está doente”, afirma o xamã (DELACROIX, 2006, p. 45, DELACROIX, 2015).

E foi ao longo de meu percurso como clínico, musicoterapeuta, apoiado na Abordagem Gestáltica e nas Filosofias da Imanência que pude compreender como a musicalidade de vida de cada um vai se adoecendo. Como trabalhador do campo da saúde mental e de outros espaços clínicos, inclusive na formação de profissionais de saúde, de educação e da assistência, o tema da temporalidade sempre está presente.

Deleuze & Guattari (1997) nos ensinam como a subjetividade humana é marcada pelas clivagens e segmentações do tempo e do espaço. Segmentamos a vida. Há tempo para se ir de um ponto ao outro. Do trabalho saímos e passamos no supermercado. Do supermercado, talvez, para aqueles mais religiosos, uma ida na igreja. Da igreja para casa. Cada um recortando a temporalidade de sua existência através dos pontos segmentados dos espaços de vida a serem vividos.

Com o tempo passamos a construir as partituras de vida que se repetem. E de tanto repetir as mesmas formas de marcar as cadências de vida com as mesmas ocupações, com as mesmas tarefas, em ritmos bem marcados, podemos nos construir como compositores de vidas frustradas e cronificadas.

Perls, Hefferline e Goodman (2001) nos trazem o olhar de Otto Rank, afirmando que as formas existenciais que buscam a repetição sem criação seguem a lógica de uma estética frustrada, assim como um artista que repete, no tempo, as suas criações.

Delacroix (2015) nos afirma que o que está doente é o tempo. Mas, o que ele quer dizer com isso, sobretudo, para pensarmos a questão das experiências de isolamento social? Delacroix nos ensina que o tempo que adoce é aquele que se cronificou na lógica de Cronos. Cronos é o deus do tempo marcado para o cumprimento do dia a dia. Tempo que nos remete ao passado e ao futuro. Temporalidade que nos convida a vivermos sempre a sensação de que precisamos e temos que estar fazendo algo.

Em tempos de pandemia vemos milhões de pessoas que sofrem da ‘patologia do presente’. Uma patologia advinda da perda da capacidade de criação de novas formas de construir outras ritmicidades em habitar o presente de suas existências. Pessoas que trabalham em regime *home office* e se angustiam, pois, precisam se dividir em dar conta de reuniões, dos filhos que estudam em casa e se é preciso acompanhar de perto os ritmos e cadências dos estudos feitos online e, ainda, cuidar de casa.

Apresento de forma sumária um dos eixos que compõem a *psicopatologia biomusical*, a *psicopatologia estética*<sup>1</sup> que nos traz os indicadores que dizem respeito aos biorritmos contatuais:

- a) Indicador ressonâncias-simpatias: ‘Como’ fazemos ressonância-simpatia com o que acontece diante de nós? Conseguimos fazer acordes ativos e criativos com situações inesperadas que ocorrem no nosso cotidiano de quarentena? Ficamos ‘envolvidos’ e ‘tomados’ pelas imagens das situações difíceis ocorridas durante a nossa jornada? Quais afetos-sentimentos nascem dessas situações? Reagimos ou buscamos compreender como essas ressonâncias-simpatias se fazem?
- b) Compreendemos que fazemos ressonâncias-acordes com as situações que nos produzem tristezas (diminuição de potência), também como um certo hábito em reagir de forma crônica e repetitiva às situações negativas? Indicador Sincronias: Conseguimos acolher a situação que nos afeta, ou buscamos repulsá-la? Buscamos criar condições de acolher os pontos de vista do outro, ou reagimos a eles? Como numa ‘dança’, buscamos acompanhar os movimentos das ideias, dos desejos, as visões de mundo, as soluções que os outros trazem, ou nem tentamos fazer contato com aquilo que vem do mundo /situação do outro?

---

<sup>1</sup>A Psicopatologia Biomusical, A Psicopatologia Estética e da Complexidade fazem parte da minha atual pesquisa de Pós-doutoramento realizado no Departamento de Psicologia da UFRJ, coordenado pela Prof. Dra. Mônica Alvim

- c) Indicador Empatia: Buscamos compreender o que o outro/situação está sentindo? Buscamos sentir o que o outro/situação está passando? Somos receptivos ao que o outro/situação nos comunica? Conseguimos sentir e compreender os ritmos e cadências das soluções que os outros trazem para nós? Respeitamos a temporalidade das soluções apresentadas pelos outros/situações? Ou, simplesmente ‘passamos batido’ sobre aquilo que os outros sentem? Mesmo neste indicador é preciso fazer a diagnose cadencial dos biorritmos de formação dos processos constitutivos da experiência contatual.
- d) Indicador Sintonia: Estamos em sintonia com o que se passa em nós e o que se passa com o outro/situação? O que nos impede de entrar em sintonia com o mundo do outro? O que nos impede de sentir o mundo do outro? O que do mundo do outro me afeta positivamente (aumento da potência da relação e dos contatos)? O que do mundo do outro me afeta negativamente (diminuição da potência da relação e dos contatos)? As situações vividas com determinadas pessoas e situações persistem recorrentemente nas lembranças, como se as imagens e sentimentos destas aparecessem como ‘ladainhas’ que se repetem na mente? Fazemos ‘acorde’ entre as imagens, lembranças, palavras ditas e, cronicamente, fixamo-nos nelas, como ladainhas de imagens, palavras ditas e lembranças que ficam ‘cantando do fundo’ de nossas existências?

Esses são indicadores que compõem o Eixo dos *Biorritmos Contatuais da Psicopatologia Biomusical*, da *Psicopatologia Estética*, da *Psicopatologia da Complexidade*. Outros eixos fazem parte de nossa pesquisa. No entanto, não apresentaremos todos para não desviar o objeto deste artigo.

Em meio à experiência da pandemia, percebemos o afeto de um ‘desgosto do presente’ (SÊNECA, 2015), nascido da dificuldade das pessoas em fazerem um uso do tempo e dos espaços de vida de forma potente. Cuidar do tempo! Assim Delacroix (op. Cit. ) nos ensina. Cuidar do tempo para curá-lo! Como construir outras formas de marcar os biorritmos de vida, as nossas formas de fazer contato com as situações vividas para superarmos a angústia frente às incertezas que o mundo nos convida a viver. Podemos nos encontrar com a temporalidade de Aion: temporalidade que podemos aprender com as crianças. Aprender a fluir com aquilo que acontece. Sentir o presente, afirmando aquilo que acontece, compreendendo que a vida é feita de conquistas e de frustrações.

Onfray (2009) nos traz a bela imagem de que, para cada forma de ser navida, teremos uma forma de ocupar e fazer travessias na geografia habitada. Desta podemos nos reinventar existencialmente na travessia da pandemia. Aprendemos a mergulhar no mistério de que a vida pode ser tecida de tantas maneiras... ou como nos ensina o nosso querido Fernando Pessoa (2018): podendo sentir de tantas maneiras o quanto for possível.

## VIDAS EM REDE E A CONSTRUÇÃO DE AMBIENTALIDADES AFETIVAS

Várias pessoas de vários lugares do Brasil, pessoas da França, do Canadá, da Dinamarca, em lugares tão distantes uns dos outros... mas, que podem compor habitar fronteiras juntos, a partir da construção de ‘superfícies contatuais afetivas’.

A musicalidade de vida é retomada quando os movimentos das coreografias heterotópicas do *Tai-Chi Chuan* devêm a ‘Poesia dos Signos Afetivos’ (PEIXOTO, 2018). Nesses momentos, nenhuma palavra é dita, mas, muito se é dito através da expressão do corpo. A poesia do gesto expressa em seus movimentos, repousos, pausas, velocidades, lentidões, cadências que não são vividas na cotidianidade de cada um. A relação de si para si e na relação com os outros é habitada por este ‘lugar outro’, ‘esse lugar sem lugar’, esse lugar heterotópico (FOUCAULT, op. Cit.) feito de ‘pitadas de outras possibilidades’, ‘pitadas de sensibilidades’, ‘pitadas de afetos e ideias’, antes não conhecidas.

Após um tempo da ‘poesia gestual corporal’, dessas ‘coreografias heterotópicas’, o ambiente ganha novas tonalidades a partir de uma música que é tocada no piano ‘em ato’ para todos. Todos de olhos fechados, utilizando fones para sentir a presença do ambiente sonoro-musical-integrativo, sentem os efeitos da experiência da poesia do gesto advinda da prática dos movimentos de *Tai-Chi Chuan* ou de outra prática estético-corporal. Os olhos fechados sentem os ‘envelopes sonoro-musicais’ (LECOURT, apud AZIEU, 2013) que a música proporciona. Um ‘abraço afetivo’ é construído coletivamente a partir das melodias, harmonias, ritmos e sonoridades emocionais do piano com a voz de quem possa cantar. Um ‘berço sonoro-afetivo’ embala cada um que se permite ser penetrado por essa experiência.

Após essa experiência pode acontecer de alguém ter preparado uma poesia escrita por ele ou por um outro autor. Uma poesia que expressa a construção deste

ambiente de vida, ou como nos diz o Gestalt-terapeuta brasileiro Prof. Jorge Ponciano Ribeiro (2019), a experiência de uma ‘ambientalidade’.

Segundo Ribeiro, os seres humanos são seres ambientais. Eles possuem, ao lado das suas capacidades racionais e emocionais, uma capacidade-potência de serem seres ambientais. Inspirados em Ribeiro, diremos que o ser humano possui a potência, a capacidade de tecer ‘ambientalidades afetivas’. Cada pessoa produz ambientes de vida de si para si, ou seja, a partir dos cuidados de si, buscando construir uma vida onde os fluxos de vida possam, a cada dia, ser retomados.

A contribuição da *Psicopatologia Biomusical*, a *Psicopatologia Estética* e da *Psicopatologia da Complexidade*, possibilita a ampliação das capacidades de cada um construir Ambientalidades Afetivas e de Redes Vivas (MERHY et al., 2020) produtoras de micropolíticas de cuidado.

Apresentamos abaixo os indicadores que são trabalhados nos nossos encontros e que são retomados permanentemente como forma de conhecimento sobre como cada um está fazendo a sua travessia em meio à pandemia:

- ‘Ambientalidades (RIBEIRO, 2019)<sup>2</sup> Afetivas de pertencimento de Si para Si’. Ambientes de vida nascidos das práticas de cuidado de si. Cuidar de si, criar ambientes de vida para si, criar novas formas de marcar as temporalidades em tudo o que se faz. Este é o trabalho que os gregos chamavam de ‘*epimeleia heautou*’ (FOUCAULT, apud DREYFUS & RABINOW, 1995), ou seja, um cuidado de si que pode ser estendido aos outros. E desses ambientes afetivos de pertencimento de si para si, cada um passa a ser governante das emoções, dos desejos e, com efeito, não sercoexistencial.

A estes ambientes afetivos de vida chamaremos de:

- ‘Ambientalidades Afetivas de Pertencimento Coexistencial’. Somos seres de relação. Nos fazemos ambiente de vida para tantas pessoas. Somos afetados e tocados pelas experiências de outras pessoas. Assim, nos fazemos corpo-subjetividade, conforme nos ensina a tribo brasileira Xikrin. Nas tribos Xikrin o que se aprende é armazenado no coração. “Nesse, sentido os Xikrin dizem que o

---

<sup>2</sup>Este é o *link* da composição “*Ambientalidades Afetivas*”, composta em homenagem ao conceito de ‘Ambientalidade’, edificado pelo Prof. Jorge Ponciano Ribeiro, sendo uma homenagem à sua existência e bela coexistência com a sua esposa Prof. Lika Queiroz. A música ‘Ambientalidades Afetivas’ pode ser encontrada no link: <https://soundcloud.com/paulo-tarso-peixoto/ambientalidades-afetivas/s-cokpsZB3ljo> Obs.: Utilizar fones para apreciar a música que foi masterizada em tecnologia 8D. O ouvinte poderá sentir as ambientalidades sonoro-afetivo-musicais sendo envolvido e contornado pelas vozes e instrumentos em realidade de presença virtual.

coração (angoro) é o *mari djà*, o lugar do saber” (2002., p. 143). Aquilo que vivemos com outra pessoa é guardado como um saber precioso, sendo uma das grandes riquezas.

Fazemo-nos ambiente de vida afetivo na relação com os grupos em que convivemos. Essa relação é feita com grupos já conhecidos, ou seja, com grupos cujos hábitos, seus valores, seus princípios de vida e formas de ver o mundo conhecemos. A esses ambientes de vida chamaremos de:

- ‘Ambientalidades Afetivas de pertencimento tribais’. São ambientes de vida são fundamentais para a formação de sistemas de referência afetivos-sociais onde podemos nos sustentar em situações de crise, como no caso das pandemias.

O grande desafio será se fazer ambiente de vida na relação com grupos pessoas que não convivemos e que, muitas vezes, temos preconceitos. Aquilo que é estrangeiro aos nossos ambientes de vida, em geral, é recusado. O ‘estrangeiro’ produz medo.

Dessa forma, um outro objetivo é o de construir:

- As ‘Ambientalidades Afetivas de Pertencimento Transtribal’. Uma forma de ambientalidade que acolhe as diferenças, que acolhe pontos de vista totalmente diferentes sobre experiências vividas em lugares tão distantes uns dos outros.

Quando estas experiências ocorrem alcançamos uma outra forma de ambientalidade. Alcançamos o lugar onde nos sentimos parte do planeta. Nos sentimos como irmãos de uma mesma terra e de onde, todos, nascemos. Assim, nos fazemos:

- ‘Ambientalidades Afetivas de Pertencimento Planetária’. Todos juntos, tão distantes... mas, tão próximos! Os afetos encurtando distâncias (PEIXOTO 2020a, 2020b, 2020c, 2020d, 2020e, 2020f)<sup>3</sup>.

A partir das diferenças culturais, religiosas, políticas, de visões de mundo, filosóficas, nos tornamos mais humanos... lembrando que a palavra ‘humano’ advém de

---

<sup>3</sup>Podem-se encontrar nas Referências Bibliográficas os links de lives onde a perspectiva dos ‘Afetos Encurtam distâncias’ são desenvolvidas (PEIXOTO, 2020a, 2020b e 2020c). Por sua vez, a Secretaria de Comunicação da Prefeitura de Macaé solicitou que a ação Vidas em Rede, desenvolvida pela Secretaria Adjunta de Ensino Superior, através da Universidade Livre, produzisse uma série de vídeos para serem veiculados nos meios de comunicação da Prefeitura de Macaé. Ação que tem chegado a uma imensa população. Estes vídeos podem ser acessados nas Referências Bibliográficas em PEIXOTO, 2020d, 2020e e 2020f. Vídeos produzidos até a presente data. Outros estarão disponíveis até a publicação deste artigo.

‘húmus’, terra... fazemos nascer uma terra-superfície de contatos onde a cada encontro nos fazemos território de vida, ambiente de pertencimento planetário, transtribal. Nos fazemos ambiente de vida cuidando de nós e de cada um... Nos fazemos ‘terra’... nos fazemos planeta terra.

## MUSICOTERAPIA GESTÁLTICA, MUSICOGÊNESE E AS JANELAS MUSICAIS:

### **Partituras trans subjetivas e a construção de esculturas musicopoiético gestálticas**

A experiência do Vidas em Rede, como uma estratégia de políticas públicas de cuidado, se alia à perspectiva de uma Micropolítica do Cuidado (MERHY et al., 2020). Uma poética da experiência (ALVIM, 2014) começa a se tecer com o prelúdio do ‘Bom dia’ (2020).

A musicoterapeuta Lia Rejane Mendes Barcelos (2020) nos convida à lindíssima imagem da ‘Música nas Janelas’. Com a experiência do COVID 19, conforme Lia Rejane, não podemos mais ter as serenatas nas janelas. Inspirados em Rejane, diria que as janelas ficaram ‘mudas das vozes’ vindas das ruas. As janelas ficaram silenciosas das músicas advindas dos corações daqueles que cantavam pelas ruas. Das janelas mudas e silenciosas, nascidas da travessia da pandemia, encontramos as ‘Janelas Mutantes’, ‘Janelas Musicantes’, ‘Janelas Heterotopicamente Cantantes’ que expressam mundos inimagináveis antes desta experiência anômala da pandemia!

A experiência da pandemia produz anomalias nas histórias de vida daqueles que perderam pessoas queridas. Anomalias na relação com o trabalho. Anomalias na subjetividade de tanta gente. Silenciando-se mais de 100.000 histórias de vidas brasileiras que não podem ser contabilizadas pelos registros de infectados, pelos registros de óbitos. Nos registros não há espaço para histórias: somente números, estatísticas e ‘*causas mortis*’.

O artigo de Lia Rejane aponta para o fato da Musicoterapia estar sendo promovida em *Lives* onde a ‘Musica nas Janelas’ produzem, em nosso entendimento, novos devires. As ‘janelas’ se abrem para lugares tão distantes. Pessoas que abrem

suas janelas virtuais, quer sejam, janelas vindas dos celulares, quer sejam das janelas nascidas de telas de computadores. As janelas que germinam de lugares tão distantes ganham as paisagens sonoro-musicais que ‘encurtam distâncias’. Essas janelas são frutos germinados do desejo comum de partilhar a vida mais uma vez! A musicoterapia contribuindo para a construção de comunidades de cuidados!

Na Grécia antiga as tragédias gregas eram encenadas nas ágoras. As tragédias de nossa travessia podem ser ‘cantadas’ através das músicas nas janelas! E, assim, ganharmos força a cada encontro para que, juntos, possamos resistir, encurtando distâncias, através dos afetos sonoro-musicais.

A musicoterapeuta francesa Edith Lecourt (Apud. Anzieu, 2013) apresenta a bela perspectiva do envelope sonoro-musical. O envelope sonoro-musical contagia a todos. A sonoridade que envolve, com a sua ausência de concretude, de tangibilidade, toca, sendo ‘tocante’, sendo um fenômeno sensível que ganha a sua presença viva através dos afetos que atravessam este campo complexo. Envelope sonoro-musical que possui a potência de produzir envelopes de afetos tangíveis-tocantes.

Dos encontros do Vidas em Redes muitas pessoas deixam mensagens pelo ‘chat’ do ambiente virtual ou nos enviam mensagens gravadas, agradecendo o trabalho de políticas públicas dirigidos à construção desta comunidade de cuidados. Construimos com os participantes as ‘Esculturas Musicopoiético-Gestálticas’. Cada um enviando gravação de uma mensagem. Por meio de um trabalho de escultura sonora, utilizamos *softwares* de produção musical profissional para produzir os contrapontos de vozes afetivas. As vozes saem da sua dimensão comunicativa instrumental para transformarem-se em palavras poéticas biomusicais: musicogênese<sup>4</sup>. A grande beleza: vozes advindas de muitos lugares do Brasil, também vindas da França e do Canadá.

A arte, mais uma vez, presente na história da humanidade para produzir vida e, assim, contribuir com a sua potência e virtude na travessia de cada um e de todos nós... e, assim, nos tornarmos mais humanos, mais húmus, mais terra, mais afetivamente presentes como habitantes de nossas comunidades, de nossas cidades, de nosso países, de nosso planeta... habitantes de nós mesmos!

---

<sup>4</sup>Poesia da Vida – *Poesie de la Vie*. Composição feita pelas vozes dos participantes do Vidas em Rede. Composição musical de Paulo-de-Tarso tratada em tecnologia binaural 8D. Escutar em fones para sentir a Escultura-Ambientalidade Afetivo-sonoro-musical que nos propicia a emergência de ‘lugares outros’ aqui-e-agora. Acesse link para apreciar esta composição coletiva: <https://soundcloud.com/paulo-tarso-peixoto/a-poesia-da-vida-la-poesie-de-la-vie/s-CrMWVcidJop>



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encontramos na cultura japonesa a palavra *Memai*. *Memai* pode ter várias significações. Uma delas diz respeito à experiência de uma vertigem. *Memai* é a experiência onde podemos, a um só tempo, nos sentir estranhos ao que acontece, como efeito de algo inusitado e inesperado que nos toma e nos envolve.

A experiência do Covid 19 nos colocou diante da experiência das incertezas. O ser humano, historicamente, criou suas certezas em várias dimensões da vida. No entanto, vivemos a vertigem de uma experiência que nos coloca diante do imprevisto, de caminhos desconhecidos, de discursos científicos que buscam uma resposta imediata e necessária para proteger a vida humana no planeta.

Ficamos fora do eixo! As referências construídas com tantas certezas e que foram feitas em longos anos são afetadas pelo aparecimento de um único vírus que penetrou a vida humana, desestabilizando-a.

A vertigem sobre as certezas! Esta é uma das certezas que podemos ter com a experiência da pandemia. Construir espaços de vida onde as populações possam se expressar torna-se um dos caminhos possíveis em meio à travessia da pandemia.

A ação *Vidas em Rede* faz parte de uma das possibilidades para a proteção da vida humana, de sua valorização, do seu cuidado. O papel das coreografias corporais, advindas do *Tai-Chi Chuan*, o papel da Musicoterapia Gestáltica, dos momentos filosóficos e reflexivos, o papel dos conhecimentos advindos das experiências das pessoas, são algumas das ferramentas existentes para abriremos passagens em meio à desesperança, ao descuidado com o outro, à apatia, em meio à falta de empatia. Existem tantas possibilidades no ato do cuidado. O ‘*Vidas em Redes*’ é apenas mais um caminho, simplesmente, mais um, em meio às tantas vias e caminhos desta travessia.

Fica patente que, no momento em que se abrem caminhos de cuidados inesperados e que acolhem as tantas pessoas e as tantas gentes, estas são tomadas por um estado de encantamento. Um encantamento que lhes retira da experiência da impossibilidade, pois, novos possíveis as deslocam e as descolam do mundo que parecia perdido e sem esperança. Essa é a experiência também proporcionada pela vertigem de *Memai*. O mundo sem esperança vira de cabeça para baixo, pois, somos deslocados e descolados de um mundo de impossibilidades para nos

sentirmos pertencentes a um mundo partilhado. Um mundo onde podemos ganhar, mais uma vez, a potência de vida para continuarmos a travessia. Assim continuamos a travessia com as pessoas que estão conosco, compreendendo que não há certezas em seus caminhos. Mas podemos juntos, com prudência, cuidado, empatia, solidariedade e tantos outros afetos sociais potentes construirmos, coletivamente, o movimento cadencial para a construção da maior riqueza: a vida humana no planeta e o cuidado com ele!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVIM, Mônica Botelho. *A poética da experiência: Gestalt-Terapia, fenomenologia e arte*. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

ANZIEU, Didier. *Les Enveloppes Psychiques*. France: Dunod, 2013.

BARCELOS, Lia Rejane. 'A Música nas Janelas' como experiência Imunogênica em tempos de pandemia (Covid 19) e a Musicoterapia, 2020, no prelo.

BRASIL, Fiocruz. Coronavírus e Saúde Mental.

Disponível em :<<https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/coronavirus-e-saude-mental-tire-suas-duvidas-aqui/>> acesso em: 20.07.2020

\_\_\_\_\_. *Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia Covid 19: Recomendações gerais*. Brasília, Fundação Oswaldo Cruz, 2020b.

COHN, Clarice. *A experiência da infância e o aprendizado entre os Xikrin*. In: Crianças indígenas: Ensaios Antropológicos. Org. Aracy L. Da Silva, Ana Vera L. Da Silva, Angela Nunes. São Paulo: Global Editora, 2002.

DREYFUS, H. & RABINOW, P. – *Michel Foucault, uma trajetória filosófica*. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

DELACROIX, Jean-Marie. *Dialogues sur le temps et la temporalité*. Comunicação Oral: seminários na residência de Jean-Marie Delacroix. França, Grenoble, 2015.

\_\_\_\_\_. *La Troisième Histoire. Patient-psychothérapeute: fonds et formes du processus relationnel*. France: Dangles, 2006.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*, vols. 1. 2 . 3. 4. e 5. São Paulo: Editora 34, 1995, 1996 e 1997.

FOUCAULT, Michel. *Le corps utopique et Les heterotopies*. Paris: Éditions Lignes, 2009.

LO RE, Ítalo. *Musicoterapia: o que é e como contribui com a saúde na pandemia*. São Paulo: Jornal Folha de São Paulo, 08 de agosto de 2020.

MERLEAU-PONTY. *O visível e o invisível*. São Paulo, SP: Editora Perspectiva, 2003 *Phénoménologie de la Perception*. France: Éditions Galimard, 1945.

MERHY, Emerson, CRUZ, Kathleen, GOMES, Maria Paula et all. *Redes Vivas: multiplicidades girando as existências, sinais da rua. Implicações para a produção do cuidado e a produção do conhecimento em saúde*. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/305808534\\_Redex\\_Vivas\\_multiplicidades\\_girando\\_as\\_existencias\\_sinais\\_da\\_rua\\_Implicacoes\\_para\\_a\\_producao\\_do\\_cuidado\\_e\\_a\\_producao\\_do\\_conhecimento\\_em\\_saude/link/57a2636708aeb1604835ea85/download](https://www.researchgate.net/publication/305808534_Redex_Vivas_multiplicidades_girando_as_existencias_sinais_da_rua_Implicacoes_para_a_producao_do_cuidado_e_a_producao_do_conhecimento_em_saude/link/57a2636708aeb1604835ea85/download) acesso em: 20 de julho de 2020.

ONFRAY, M.. *Cosmos. Une ontologie matérialiste*. France: Flammarion, 2015.

\_\_\_\_\_. *Théorie du Voyage: Poétique de la Géographie*. França, Biblio Essays, 2007.

PEIXOTO, Paulo-de-Tarso. *Wu Wei e Biomusicalidade: Musicoterapia, Gestalt-Terapia e as Filosofias da Imanência em tempos de pandemia*. Live realizada para a Associação Brasileira de Gestalt. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CCL5UcSFjUY/?igshid=fz5zh7cnfpi8> acesso em 08.08.2020a.

\_\_\_\_\_. *Os afetos encurtam distâncias, Live in Facebook no 'Celeiro de Vida Aion Ville': Atelier de Subjetividades*. Disponível em: <https://www.facebook.com/tarsopeixoto/videos/3193418527402606/>, acessado em 08.08.2020b.

Musicoterapia Gestáltica e das Filosofias da Imanência. Live realizada para o Departamento de Arteterapia do Instituto Sedes Sapientiae (SP). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Gsjup9drYMU&feature=youtu.be> acessado em 10.08.2020c.

\_\_\_\_\_. Do cuidado de Si ao cuidado do outro e da cidade. Série de lives gravadas da ação Vidas em Rede. Live-gravação realizada pela Universidade Livre, da Secretaria Adjunta de Ensino Superior da Secretaria de Educação em parceria com a Secretaria de Comunicação da Prefeitura de Macaé. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/extid=uzYnApPt7YJvTfiD&v=632692087453044>. Acessado em 13.08.2020d.

\_\_\_\_\_. Empatia. Série de lives gravadas da ação Vidas em Rede. Live-gravação realizada pela Universidade Livre, da Secretaria Adjunta de Ensino Superior da Secretaria de Educação em parceria com a Secretaria de Comunicação da Prefeitura de Macaé. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?extid=jD48SVCotXQ0hLni&v=1134912023578816> Acessado em 13.08.2020e.

\_\_\_\_\_. Incertezas. Série de lives gravadas da ação Vidas em Rede. Live-gravação realizada pela Universidade Livre, da Secretaria Adjunta de Ensino Superior da Secretaria de Educação em parceria com a Secretaria de Comunicação da Prefeitura de Macaé. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?extid=XyZwCTRBAv6nDTh8&v=976798289429829> Acessado em 13.08.2020f.

\_\_\_\_\_. *Biomusicalidade, Experiência e Awareness Coletiva: Gestalt-Terapia e Musicoterapia no cuidado de Pais e bebês, Dossiê Gestalt-Terapia v. 19, n. 4, p. 1084-1103*. Rio de Janeiro: *Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 2019.

\_\_\_\_\_. *Gestalt-Terapia e Contatologia*. Macaé (RJ): Paulo-de-Tarso editor, 2018.

\_\_\_\_\_. *Afetologia: meditações para a vida*. Macaé (RJ): Paulo-de-Tarso editor, 2017.

\_\_\_\_\_. *Composições Afetivas, Cidade e Heterogênesse Urbana: para uma democracia composicional*. Macaé (RJ), Paulo-de-Tarso Editor, 2016.

- \_\_\_\_\_. *Heterogênese, Transcomposições e Saúde Mental*. Rio de Janeiro, Multifoco Editora, 2012.
- PERLS, F., HEFFERLINE, R. & GOODMAN, P. *Gestalt-Thérapie. Nouveauté, Excitation et Développement*. France: 2001.
- REGGIO, David, PEIXOTO, Paulo-de-Tarso. *Espaços expressivos, Diversidade e Heterogênese Urbana*, Revista Visões nº.7 - p. 2. Macaé (RJ), Revista Visões, 2009.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. Ambientalidade, Co-existência e Sustentabilidade: Uma Gestalt em Movimento, Dossiê Gestalt-Terapia v. 19, n. 4, p. 896-914. Rio de Janeiro: *Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 2019. SÉNÈQUE. *École du Stoïcisme. Oeuvres Complètes*. France: Arvensa Éditions, 2015.
- SPINOZA, Baruch. *Ética*. Edição bilíngüe: latim-português. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007. STRAUSS, Erwin. *Du sens des sens*. France: Éditions Jérôme Millon -2000.